

AUTORA BEST-SELLER #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

LISA GARDNER



ESCONDA-SE

Você terá boas razões para temer...



ESCONDA-SE

Lisa Gardner

ESCONDA-SE

Tradução
Cássia Zanon



*** capítulo 1

Meu pai me explicou pela primeira vez quando eu tinha sete anos de idade: o mundo é um sistema. A escola é um sistema. Bairros são um sistema. Cidades, governos, qualquer grande grupo de pessoas. Aliás, o corpo humano é um sistema, viabilizado por subsistemas biológicos menores.

A justiça criminal é definitivamente um sistema. A Igreja Católica — não o deixe começar. Há então os esportes organizados, as Nações Unidas e, é claro, o Concurso de Miss América.

— Você não precisa gostar do sistema — ele me explicou. — Não precisa acreditar nele nem concordar com ele. Mas precisa compreendê-lo. Se conseguir compreender o sistema, vai sobreviver.

Uma família é um sistema.



Quando voltei da escola naquela tarde, encontrei meu pai e minha mãe na sala da frente. Meu pai, professor de matemática do MIT, raramente chegava em casa antes das sete. Naquela ocasião, no entanto, ele estava ao lado do estimado sofá floral da minha mãe com cinco malas impecavelmente empilhadas a seus pés. Minha mãe estava chorando. Quando abri a

Lisa

*** Gardner

porta da frente, ela se virou, como que para esconder o rosto, mas eu ainda pude ver seus ombros a sacudir.

Tanto meu pai quanto minha mãe estavam usando pesados casacos de lã, o que me pareceu estranho, considerando a tarde relativamente quente de outubro.

Meu pai falou primeiro:

— Você precisa ir até seu quarto. Pegue duas coisas. Quaisquer duas coisas que queira. Mas, rápido, Annabelle. Não temos muito tempo.

Minha mãe sacudia os ombros com mais intensidade. Larguei minha mochila. Fui até meu quarto, onde fiquei olhando para meu pequeno espaço pintado de verde e rosa.

De todos os momentos de meu passado, este é o que eu mais gostaria de ter de volta. Três minutos no quarto de minha adolescência. Passando os dedos pela minha mesa coberta de adesivos, pelos porta-retratos com fotos dos meus avós, excluindo a escova de cabelos e o espelho de mão folheados de prata. Passei reto pelos livros. Nem pensei na coleção de bolinhas de gude ou na pilha de trabalhos de arte do jardim de infância. Eu me lembro de ter feito uma escolha absolutamente angustiante entre meu cachorro de pelúcia preferido e meu mais novo tesouro, uma Barbie vestida de noiva. Escolhi o cachorro, Boomer, e agarrei meu adorador cobertor de bebê de flanela cor-de-rosa escura com barra de cetim cor-de-rosa claro.

Não escolhi meu diário. Nem a minha pilha de bilhetes bobos e cobertos de desenhos de minha melhor amiga, Dori Petracelli. Nem mesmo meu álbum de bebê, que teria ao menos preservado fotos da minha mãe para todos os anos que viriam. Eu era uma criança pequena e assustada, e me comportei com infantilidade.

Acho que meu pai sabia o que eu iria escolher. Acho que ele sabia o que estava por vir, mesmo naquela época.

Voltei para a sala. Meu pai estava do lado de fora, carregando o carro. Minha mãe estava com as mãos entrelaçadas no pilar que dividia a cozinha da copa. Por um instante, achei que ela não fosse soltar o pilar. Que ela iria marcar posição e exigir que meu pai parasse com aquela bobagem.

Em vez disso, ela acariciou meus longos cabelos escuros.

— Eu te amo muito.

Ela me deu um abraço muito forte, pressionando as bochechas úmidas de lágrimas em minha cabeça. No instante seguinte, ela me afastou, e secou o rosto rapidamente.

— Vamos sair, querida. Seu pai tem razão, precisamos nos apressar.

Segui minha mãe até o carro, levando Boomer embaixo do braço e com o cobertorzinho agarrado às mãos. Sentamos nos lugares de sempre — meu pai na direção, minha mãe ao lado dele e eu atrás.

Meu pai tirou nosso pequeno Honda da garagem. Folhas amarelas e alaranjadas caíram da faixa, a balançar através da janela do carro. Estendi a mão no vidro, como se pudesse tocá-las.

— Acenem para os vizinhos — meu pai instruiu. — Finjam que está tudo normal.

Foi a última vez que vimos nosso pequeno beco sem saída cheio de carvalhos.

Uma família é um sistema.

Viajamos de carro até Tampa. Meu pai mencionou que a minha mãe sempre quisera conhecer a Flórida. Não seria bom viver em meio a palmeiras e praias de areias brancas depois de tantos invernos na Nova Inglaterra?

Como minha mãe havia escolhido o lugar, meu pai escolheu nossos nomes. Eu agora me chamaria Sally. Meu pai, Anthony, e minha mãe, Claire. Não é divertido? Uma nova cidade e um novo nome. Que aventura incrível.

No começo, tive pesadelos. Sonhos terríveis que me levavam a acordar gritando:

— Eu vi uma coisa, eu vi uma coisa!

— Foi só um sonho — meu pai tentava me acalmar, acariciando minhas costas.

— Mas eu estou com medo!

— Quietinha. Você é novinha demais para saber o que é medo. É para isso que servem os papais.

Lisa

*** Gardner

Nós não vivíamos em meio a palmeiras e praias de areias brancas. Meus pais nunca falaram nisso, mas, adulta, olhando em retrospectiva, agora me dou conta de que um doutor em matemática não poderia retomar a vida de onde havia parado, principalmente com uma nova identidade. Em vez disso, meu pai conseguiu emprego como taxista. Eu adorava o novo trabalho dele. Fazia com que ele ficasse em casa a maior parte do dia e parecia glamouroso ser apanhada na escola pelo meu táxi particular.

A nova escola era maior do que a anterior. Mais difícil. Acho que fiz amigos, embora não me lembre de muitas coisas peculiares de nossos dias na Flórida. Tenho mais uma noção geral de um período e um local surreais, onde minhas tardes eram passadas em treinamentos de defesa pessoal para crianças e até mesmo meus pais me pareciam estranhos.

Meu pai estava sempre de um lado para o outro em nosso apartamento de um quarto.

— O que me diz, Sally? Vamos decorar uma palmeira para o Natal! Sim, senhor, vamos nos divertir!

Minha mãe cantarolava distraidamente enquanto pintava a sala com um tom claro de coral, achava graça de ter comprado um maiô em novembro e parecia genuinamente intrigada ao aprender a cozinhar diferentes tipos de peixes brancos com escamas.

Acho que meus pais foram felizes na Flórida. Ou pelo menos determinados. Minha mãe decorou nosso apartamento. Meu pai retomou o hobby de desenhar. Nas noites em que ele não trabalhava, minha mãe posava para ele ao lado da janela, e eu ficava deitada no sofá, observando os traços hábeis de meu pai retratando o sorriso provocativo da minha mãe em um pequeno croqui de carvão.

Até o dia em que voltei da escola e encontrei malas prontas e rostos tristes. Não precisei perguntar nada dessa vez. Fui sozinha para o meu quarto. Peguei Boomer. Encontrei o cobertor. Então fui para o carro e me sentei no banco de trás.

Levou muito tempo para alguém dizer alguma coisa.

Uma família é um sistema.

Até hoje, não sei em quantas cidades moramos. Ou quantos nomes eu tive. Minha infância se tornou um borrão de novos rostos, novas cidades e as mesmas malas de sempre. Nós chegávamos e encontrávamos o apartamento de um quarto mais barato que houvesse. Meu pai saía no dia seguinte e sempre voltava com algum novo tipo de trabalho — revelador de fotos, gerente do McDonald's, vendedor. Minha mãe arrumava nossos parques pertences. Eu era enviada para a escola.

Sei que passei a falar menos. Sei que minha mãe fez o mesmo.

Apenas meu pai continuava incansavelmente alegre.

— Phoenix! Eu sempre quis viver no deserto. Cincinatti! Eis o meu tipo de cidade. St. Louis! Vai ser o lugar perfeito para nós.

Eu não me lembro de ter tido mais pesadelos. Eles simplesmente pararam ou foram substituídos por preocupações maiores. As tardes em que eu voltava para casa e encontrava minha mãe desmaiada no sofá. Os cursos-relâmpago de culinária porque ela não conseguia mais ficar de pé. Passar café e forçá-la a tomar. Procurar por dinheiro na bolsa dela para comprar comida antes de meu pai voltar do trabalho.

Quero acreditar que ele soubesse, mas até hoje, não tenho certeza. Parecia que, ao menos para minha mãe e eu, quanto mais nomes assumíssemos, mais abríamos mão de nós mesmas. Até que nos tornamos sombras silenciosas e etéreas seguindo no rastro tempestuoso do meu pai.

Ela aguentou até meus 14 anos. Kansas City. Permanecemos durante nove meses. Meu pai havia chegado a gerente do departamento automotivo da Sears. Eu estava pensando em ir a meu primeiro baile.

Cheguei em casa. Minha mãe — Stella, o nome dela na ocasião — estava de bruços no sofá. Desta vez, não houve chacoalhões suficientes que a acordassem. Tenho uma vaga lembrança de atravessar o corredor. De bater à porta do vizinho.

— Minha mãe, minha mãe, minha mãe! — eu gritava. E a pobre sra. Torres, que nunca havia ganhado um sorriso ou sequer um aceno da gente, abriu a porta do apartamento, atravessou em disparada o corredor e ao levar as mãos aos olhos marejados, declarou que minha mãe estava morta.

Lisa

*** Gardner

A polícia veio. Paramédicos. Eu os vi removerem o corpo dela. Vi o potinho de remédios cor de laranja cair do bolso dela. Um dos policiais o apanhou. Ele me olhou com pesar.

— Há alguém para quem devamos telefonar?

— Meu pai vai chegar logo.

Ele me deixou com a sra. Torres. Ficamos sentadas no apartamento dela, que cheirava a pimentas *jalapeño* e *tamales*. Admirei as cortinas listradas coloridas que havia nas janelas e as almofadas floridas que cobriam seu velho sofá marrom. Imaginei como seria ter uma casa de verdade novamente.

Meu pai chegou. Agradeceu profusamente à sra. Torres. Me levou embora.

— Entende que não podemos dizer nada a eles? — ele ficou repetindo sem parar, depois que estávamos novamente seguros em nosso apartamento. — Entende que precisamos tomar muito cuidado? Não quero que diga nada, Cindy. Nem uma palavra. É tudo muito, muito complicado.

Quando os policiais voltaram, ele falou. Eu aqueci a sopa de frango na cozinha minúscula. Não estava com fome. Só queria que nosso apartamento tivesse um cheiro parecido com o da sra. Torres. Queria minha mãe de volta em casa.

Encontrei meu pai chorando mais tarde. Preso ao sofá, segurando o robe cor-de-rosa surrado de minha mãe. Ele não conseguia parar. Soluçava, soluçava, soluçava.

Foi a primeira noite que meu pai dormiu na minha cama. Sei no que você está pensando, mas não foi nada disso.

Uma família é um sistema.

Esperamos por três meses pelo corpo da minha mãe. O Estado quis uma autópsia. Eu nunca entendi aquilo tudo. Mas, um dia, recebemos minha mãe de volta. Nós a acompanhamos do legista até a funerária. Ela foi colocada em um caixão com o nome de outra pessoa e, então, cremada.

Meu pai comprou dois pequenos frascos de vidro pendurados a correntes. Um para ele. Um para mim.

— Assim — ele disse —, ela estará sempre perto do nosso coração.

Leslie Ann Granger. Esse era o verdadeiro nome da minha mãe. Leslie Ann Granger. Meu pai encheu os frascos com cinzas, e os penduramos no pescoço. O resto de suas cinzas, soltamos ao vento.

Por que comprar uma lápide que apenas iria cimentar uma mentira?

Voltamos ao apartamento, e desta vez meu pai não teve de pedir. Eu havia feito nossas malas três meses antes. Sem Boomer e cobertor desta vez. Eu os tinha colocado no caixão da minha mãe e os cremado com ela.

Depois que nossa mãe morre, precisamos parar com coisas infantis.

Escolhi o nome Sienna. Meu pai seria Billy Bob, mas eu o deixaria usar B.B. Ele revirou os olhos, mas concordou. Como eu havia escolhido os nomes, ele escolheu a cidade. Fomos para Seattle. Meu pai sempre quis conhecer a Costa Oeste.

Nos saímos melhor em Seattle, cada um a seu jeito. Meu pai voltou para a Sears e, sem nunca revelar que já havia trabalhado em uma loja antes, foi considerado um talento absolutamente natural que alçou voo a cargos gerenciais. Eu me matriculei em mais uma escola pública lotada e carente de recursos onde desapareci em meio às massas sem nome e sem rosto que tiravam B.

Também cometi meu primeiro ato de rebeldia: entrei para uma igreja.

A pequena Igreja Congregacional ficava a uma quadra da nossa casa. Eu passava por ela todos os dias na ida e na volta da escola. Um dia, enfiei a cabeça para espiar. No segundo dia, eu me sentei. No terceiro dia, me vi conversando com o reverendo.

Querida saber se Deus nos deixa entrar no céu caso sejamos enterrados com o nome errado.

Conversei por um longo tempo com o reverendo naquela tarde. Ele usava um par de óculos fundo de garrafa. Tinha ralos cabelos brancos. Um sorriso bom. Quando cheguei em casa, passava das seis horas, meu pai estava esperando e a comida não estava posta na mesa.

— Onde você estava? — ele perguntou.

— Eu me atrasei...

Lisa

*** Gardner

— Sabe como fiquei preocupado?

— Eu perdi o ônibus. Estava falando com um professor sobre um dever de casa. Eu... precisei vir caminhando para casa. Não quis incomodar você no trabalho. — Eu estava falando sem parar, com o rosto vermelho, não parecendo nem um pouco comigo mesma.

Meu pai ficou me olhando com a testa franzida por um bom tempo.

— Você sempre pode ligar para mim — ele disse abruptamente. — Estamos nessa juntos, filha.

Ele remexeu meu cabelo.

Eu sentia saudade da minha mãe.

Então fui para a cozinha e comecei a preparar o atum refogado.

Descobri que mentir vicia tanto quanto qualquer droga. Quando vi, havia dito a meu pai que tinha entrado para a equipe de estudos. Isso, é claro, me garantiu todas as tardes que eu quisesse para ficar na igreja, ouvindo os ensaios do coral, conversando com o reverendo, simplesmente sentindo o ambiente.

Eu sempre tive longos cabelos escuros. Minha mãe costumava prendê-los em uma trança quando eu era menina. Na adolescência, no entanto, eu os havia deixado como uma cortina impenetrável que cobria o rosto. Um dia, decidi que meus cabelos estavam tapando a verdadeira beleza dos vitrais, fui ao salão de cabeleireiro da esquina e os cortei.

Meu pai ficou uma semana sem falar comigo.

E descobri, sentada na minha igreja, vendo meus vizinhos irem e virem, que meus moletons enormes eram desajeitados demais e meus jeans *baggy* não caíam bem em mim. Gostava de pessoas que usavam cores vivas. Gostava da forma como as cores chamavam a atenção de seus rostos e destacavam seus sorrisos. Aquelas pessoas pareciam felizes. Normais. Carinhosas. Aposto que não faziam uma pausa de três segundos sempre que alguém perguntava seus nomes.

Então comprei roupas novas. Para a equipe de estudos. E comecei a passar todas as noites de segunda-feira na cozinha preparando o sopão — exigência da escola, disse a meu pai. Todos precisavam preencher determinado

número de horas de serviço voluntário. Havia um rapaz muito legal que também era voluntário lá. Cabelos castanhos. Olhos castanhos. Matt Fisher.

Matt me levou ao cinema. Eu não me lembro do que estava passando. Tinha noção do braço dele em meu ombro, do suor em minhas mãos, da minha respiração ofegante. Depois do cinema, fomos tomar sorvete. Estava chovendo. E ele pôs o casaco sobre a minha cabeça.

E então, embaixo do casaco perfumado dele, ele me deu meu primeiro beijo.

Voltei flutuando para casa. Com os braços na cintura e um sorriso sonhador no rosto.

Meu pai me recebeu na porta da frente. Com cinco malas atrás dele.

— Eu sei o que você anda fazendo! — ele declarou.

— Shhhh — eu fiz, pondo um dedo nos lábios dele. — Shhhh.

Passei dançando pelo meu pai perplexo. Fui até meu minúsculo quarto sem janela. E por oito horas fiquei deitada na cama, me permitindo ser feliz.

Ainda penso em Matt Fisher às vezes. Ele está casado? Tem dois filhos? Será que fala sobre a menina mais maluca que conheceu? Ele a beijou em uma noite. Nunca mais a viu.

Meu pai havia saído quando acordei de manhã. Voltou perto do meio-dia e colocou a identidade falsa em minha mão.

— E não quero ouvir nada sobre os nomes — ele disse quando levantei a sobrancelha diante da minha nova identidade como Tanya Nelson, filha de Michael. — Conseguir documentos de uma hora para outra já me custou dois mil dólares.

— Mas você escolheu os nomes.

— Foi tudo o que o cara conseguiu.

— Mas você trouxe os nomes para casa — insisti.

— Está bem, está bem, que seja.

Ele já estava com uma mala em cada uma das mãos. Fiquei parada com os braços cruzados e o rosto implacável.

— Você escolheu os nomes, eu escolho as cidades.

— Quando estivermos no carro.

Lisa

*** Gardner

— Boston — eu disse.

Ele arregalou os olhos. Percebi que ele queria discutir. Mas regras eram regras. Uma família é um sistema.

Quando precisamos passar a vida fugindo da Coisa Ruim, precisamos imaginar como será se um dia, finalmente, nos apanharem. Acho que meu pai nunca precisou saber.

Os policiais dizem que ele desceu da calçada e que o táxi em alta velocidade o matou instantaneamente. Lançou seu corpo a seis metros de distância. Ele bateu com a testa em um poste de ferro, que afundou seu rosto.

Eu tinha 22 anos de idade. Finalmente havia acabado de passar por uma interminável sucessão de escolas. Trabalhava no Starbucks. Caminhava muito. Guardei dinheiro para comprar uma máquina de costura. Comecei meu próprio negócio fazendo cortinas exclusivas com almofadas que combinavam.

Eu gostava de Boston. Voltar para a cidade da minha infância não me deixou paralisada de medo. Pelo contrário, na realidade. Eu me sentia segura em meio às massas em constante movimento. Gostava de passear pelo Jardim Público e olhar vitrines na Newbury Street. Gostava até mesmo da volta do outono, em que os dias ficavam com cheiro de carvalho e as noites, frias. Encontrei um apartamento absurdamente pequeno no extremo norte da cidade, onde podia ir caminhando até o Mike's para comer *cannolis* frescos sempre que quisesse. Peguei um cachorro. Aprendi inclusive a preparar *tamales*. À noite, ficava em minha janela gradeada no quinto andar segurando as cinzas da minha mãe na palma da mão e vendo os estranhos anônimos que passavam lá embaixo.

Dizia a mim mesma que era adulta agora. Dizia a mim mesma que não tinha mais nada a temer. Meu pai havia dirigido meu passado. Mas eu era dona do meu futuro e não o passaria fugindo. Havia escolhido Boston por um motivo e estava lá para ficar.

Então, um dia, tudo fez sentido. Peguei o *Boston Herald* e li na primeira página: 25 anos depois, eu finalmente havia sido morta.

*** capítulo 2

O telefone toca.

Ele se vira. Pega um travesseiro. Enfia na cabeça.

O telefone toca.

Ele tira o travesseiro da cabeça e se tapa com as cobertas.

O telefone toca.

Gemido. Ele abre um olho de má vontade. Duas e meia da manhã.

— Droga, droga, droga...

Ele estende a mão, remexe no aparelho e leva o fone ao ouvido.

— Que foi?

— Vejo que está alegre como sempre.

Bobby Dodge, o mais novo detetive policial do estado de Massachusetts, resmungou mais alto.

— É o meu segundo dia. Você não pode me dizer que estou sendo chamado no meu segundo dia. Ei. — Seus neurônios, finalmente, acordaram. — Espere um pouco...

— Sabe o antigo hospital psiquiátrico de Mattapan? — a detetive de Boston D.D. Warren perguntou do outro lado da linha.

— Por quê?

— Tem uma cena de crime.

Lisa

*** Gardner

— Está querendo dizer que o Departamento de Polícia de Boston tem uma cena de crime. Bom para você. Vou voltar a dormir.

— Esteja aqui em trinta minutos.

— D.D. ... — Bobby se sentou com muito esforço, acordado sem querer e nem um pouco feliz. Ele e D.D. eram parceiros de longa data, mas duas e meia da manhã eram duas e meia da manhã. — Se você e seus amigos querem perturbar um novato, escolham um do departamento de vocês. Estou velho demais para essa merda.

— Você precisa ver isto — ela disse apenas.

— Ver o quê?

— Trinta minutos, Bobby. Não ligue o rádio. Não ouça o rádio da polícia. Preciso que veja tudo sem interferências. — Houve uma pausa. Falando mais baixo, ela acrescentou: — Bobby, se prepare. Este caso vai ser feio. — E, então, desligou.

Ser acordado no meio da noite não era novidade para Bobby Dodge. Ele servira quase oito anos como atirador de elite da Equipe Especial de Operações Táticas da Polícia Estadual de Massachusetts, permanecendo de sobreaviso vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana e era, inevitavelmente, acionado na maioria dos fins de semana e feriados. Isso não o incomodava na época. Gostava do desafio e se orgulhava de pertencer a um time de elite.

Dois anos atrás, no entanto, sua carreira saíra dos trilhos. Bobby não tinha sido apenas chamado para uma cena de crime. Ele havia matado um homem. O departamento acabou declarando uso justificável de força letal, mas nada mais foi como antes. Seis meses antes, quando apresentara seu pedido de desligamento da equipe especial, ninguém questionou a decisão. E, mais recentemente, quando passara na prova para detetive, todos concordaram: a carreira de Bobby podia se beneficiar de um novo começo.

Então, ali estava ele, detetive de homicídios com dois dias de serviço, já encarregado de meia dúzia de casos ativos, mas não urgentes, o suficiente para se manter ocupado. Assim que provasse que não era um imbecil completo,

talvez o deixassem até mesmo liderar uma investigação. Ou, então, ele sempre podia ter a esperança de pegar um caso do começo, ser o plantonista de sorte tirado da cama para um incidente importante. Detetives costumavam brincar que homicídios aconteciam apenas às 3h05 ou às 16h50, exatamente a tempo do turno começar mais cedo e durar a noite toda.

Telefonemas no meio da noite definitivamente faziam parte do trabalho. Só que telefonemas deveriam ser feitos de outro policial do estado, não de um detetive de Boston.

Bobby franziu a testa de novo, tentando entender a situação. Como regra geral, detetives de Boston detestavam convidar colegas estaduais para suas festinhas. Além disso, se uma detetive do Departamento de Polícia de Boston sinceramente acreditava que podia precisar de um especialista do estado, o comandante dela entraria em contato com o comandante de Bobby, e todos operariam com toda a abertura e confiança que seria de se esperar de um casamento arranjado como aquele.

Mas D.D. havia ligado diretamente para ele. O que levou Bobby a teorizar, enquanto vestia as calças, brigava com uma camisa de manga comprida e jogava água no rosto, que D.D. não queria ajuda do estado. Ela queria ajuda *dele*.

E isso deixou Bobby desconfiado.

Fez uma última parada na frente da cômoda, movimentando-se à luz fraca da lâmpada noturna. Pegou o distintivo de detetive, o *pager*, a Glock .40 e — a arma mais valorizada pelos detetives em ação — o minigravador Sony. Bobby olhou para o relógio.

D.D. queria que ele estivesse lá em trinta minutos. Ele chegaria dentro de vinte e cinco. O que dava a ele cinco minutos extras para descobrir que diabo estava acontecendo.

Mattapan ficava em uma linha reta pela rodovia I-93 desde o prédio de três andares de Bobby no sul de Boston. Como das três às cinco da manhã era provavelmente o único momento do dia em que a 93 não estava congestionada, Bobby percorreu o trajeto rapidamente.

Lisa

*** Gardner

Pegou a saída pela Avenida Granite e seguiu à esquerda pela Gallivan Boulevard, entrando na Morton Street. Parou ao lado de um velho Chevy em um semáforo. Os ocupantes, dois rapazes negros, olharam deliberadamente para seu Crown Vic. Eles o encararam com o melhor olhar de mau que tinham. Bobby respondeu com um aceno alegre. No instante em que o farol abriu, os garotos viraram à direita e saíram em alta velocidade, indignados.

Só mais um momento glorioso no policiamento da comunidade.

Lojas de rua deram lugar a residências. Bobby passou por ruas laterais repletas de fileiras de prédios de três andares, cada edifício parecendo mais velho e dilapidado que o anterior. Imensas áreas de Boston haviam sido revitalizadas nos últimos anos, com projetos habitacionais dando lugar a luxuosos condomínios na beira da água. Cais abandonados se tornaram centros de convenção. A cidade toda estava sendo estratégica e cosmeticamente reorganizada para atender às excentricidades do projeto do grande túnel, conhecido com Big Dig.

Alguns bairros haviam vencido. Mattapan claramente não havia.

Mais um farol. Bobby diminuiu a velocidade e olhou para o relógio. Oito minutos para o horário estimado de chegada. Virou o carro à esquerda, dando a volta no Cemitério Mt. Hope. Daquele ângulo, pôde ver surgir pela janela lateral a enorme terra de ninguém que era o Hospital Psiquiátrico de Boston.

Com cerca de setenta hectares de espaço verde lindamente arborizado, o Hospital Psiquiátrico de Boston era naquele momento a área de desenvolvimento imobiliário mais disputada do estado. Era também o antigo lar de um hospício de cem anos de loucos, um dos lugares mais assustadores da região.

Dois prédios decadentes de tijolos à vista no topo do morro olhavam para a população da cidade com janelas de vidros quebrados. Imensos carvalhos e faias se abriam para o céu noturno, com os galhos nus formando silhuetas de mãos retorcidas.

Diziam que o hospital havia sido construído em meio a terrenos arborizados para oferecer um ambiente “sereno” aos pacientes. Várias décadas de

prédios superlotados, estranhos gritos noturnos e dois assassinatos violentos depois, os moradores da região ainda falavam de luzes que apareciam aleatoriamente no meio das ruínas, de gemidos assustadores sussurrados de debaixo das pilhas de tijolos se despedaçando, de silhuetas vistas entre as árvores.

Até então, nenhuma das histórias havia afastado os empreiteiros. A Sociedade Audubon havia garantido uma parte da propriedade, transformando-o em uma popular reserva natural. Uma grande construção estava sendo realizada em um laboratório novo em folha para a UMass, enquanto Mattapan fervia com boatos de habitações populares ou, talvez, uma nova escola.

O progresso acontecia. Mesmo em instituições psiquiátricas assombradas.

Bobby virou na esquina final do cemitério e, finalmente, viu o grupo reunido. Lá, no lado esquerdo do terreno: gigantescos canhões de luz em meio às esqueléticas faias, iluminando a noite escura, sem lua. Mais luzes, minúsculos pisca-piscas vermelhos e azuis, ziguezagueando no meio das árvores enquanto carros extras de polícia passavam correndo pela estrada sinuosa que levava até uma das extremidades da propriedade. Esperava que o contorno do antigo hospital, uma ruína relativamente pequena de três andares, pudesse ser visto, mas as viaturas policiais mudavam de direção, embrenhando-se no meio das árvores.

D.D. não estava mentindo. O Departamento de Polícia de Boston tinha uma cena de crime e, a julgar pelo movimento, era das grandes.

Bobby terminou de contornar o cemitério. Faltando um minuto para a hora estimada de chegada, ele passou pelo portão preto escancarado e seguiu na direção das ruínas no alto do morro.

Viu o primeiro patrulheiro quase que imediatamente. O policial estava parado no meio da rua, com um colete de segurança cor de laranja e armado com uma lanterna de luz alta. O garoto mal parecia ter barba. No entanto, fez uma cara bem feia ao examinar o distintivo de Bobby e resmungou com desconfiança quando viu que Bobby era da polícia estadual.

— Tem certeza de que está no lugar certo? — o garoto perguntou.

Lisa

*** Gardner

— Não sei. Digitei “cena de crime” no GPS e foi aonde ele me trouxe.

O garoto olhou para ele inexpressivamente. Bobby suspirou.

— Recebi um convite pessoal da detetive Warren. Se tiver algum problema com isso, fale com ela.

— Quer dizer sargento Warren?

— Sargento? Ora, ora, ora.

O garoto devolveu a credencial a Bobby, que seguiu morro acima.

O primeiro edifício abandonado apareceu à esquerda, as janelas emvidradas refletindo imagens duplicadas de seus faróis. A estrutura de tijolos estava cedendo na fundação, com as portas da frente fechadas a cadeado e o telhado em ruínas, do interior para o exterior.

Bobby virou à direita, passando por uma segunda edificação, que era menor e em estado de conservação ainda pior. A essa altura, havia carros se empilhando na lateral da rua, estacionados colados uns aos outros enquanto os veículos de detetives, a van do legista e os técnicos de cenas de crime disputavam espaço.

No entanto, os holofotes estavam ainda mais além. Eram um brilho distante sob as copas das árvores. Bobby podia ouvir o zumbido do gerador, levado até a van da cena do crime para iluminar o local. Aparentemente, teria uma caminhada pela frente.

Estacionou no meio de um mato ao lado de três carros-patrolha. Pegou uma lanterna, papel e caneta. Então, pensando melhor, pegou um casaco mais quente.

A noite de novembro estava fria, com menos de 5 graus centígrados, coberta de geada e com uma leve névoa. Não havia ninguém por perto, mas o raio da lanterna iluminou o caminho percorrido pelos investigadores que tinham chegado antes dele. Suas botas faziam um barulho forte conforme ele andava.

Ainda podia escutar o gerador, mas nada de vozes até então. Abaixou-se para passar por baixo de alguns arbustos mais altos e sentia a terra ficar pantanosa sob seus pés antes de se firmar novamente. Passou por uma pequena clareira, notando uma pilha de refugio — madeira apodrecida, tijolos,

alguns baldes de plástico. Depósito ilegal de lixo havia sido um problema no terreno durante anos, mas a maior parte ocorria perto da cerca. Aquilo estava muito no centro. Provavelmente, eram restos do próprio hospício, ou talvez de um dos recentes projetos de construção. Velho, novo, não dava para saber com aquela luz.

O ruído ficou mais forte, o zumbido do gerador tornou-se um rugido grave. Reclinou-se no colarinho do casaco, cobrindo as orelhas. Veterano com dez anos como patrulheiro, Bobby havia vivenciado muitas cenas de crime. Conhecía o barulho. Conhecía o cheiro.

Mas aquela era sua primeira cena de crime como detetive de verdade. Pensou que era por isso que parecia tão diferente. Então, passou por mais uma fileira de árvores e parou de repente.

Homens. Por toda parte. A maioria usando terno, provavelmente 15, 18 detetives e, facilmente, uma dúzia de uniformizados. Havia também os homens grisalhos usando os pesados sobretudos de lã. Oficiais mais velhos, a maioria dos quais Bobby reconheceu de várias festas de aposentadoria de outros pistolões. Avistou um fotógrafo e quatro técnicos de cenas de crime. Finalmente, uma única mulher — se a memória não falhava, era uma assistente do procurador de Justiça.

Muita gente, especialmente considerando a consagrada política de Boston de exigir um relatório por escrito de qualquer um que tivesse estado em uma cena de crime. Isso tendia a manter patrulheiros curiosos de fora e, o mais importante, a chefia longe.

Mas todo mundo estava ali naquela noite, andando em pequenos círculos sob a luz dos holofotes brilhando, batendo os pés no chão para se aquecer. O centro de tudo parecia ser o toldo azul erguido mais para o fundo da clareira. Mas, daquele ângulo, Bobby ainda não conseguia ver qualquer sinal de corpo ou de provas de algum crime, nem mesmo cobertos por uma lona.

Ele avistava um campo, uma barraca e uma porção de investigadores de homicídio em silêncio.

O que levou seus pelos da nuca a se arrepiar.

Lisa

*** Gardner

Bobby ouviu um barulho de movimentação à esquerda. Ele se virou e viu duas pessoas chegando à clareira por um segundo caminho. Na frente estava uma mulher de meia-idade vestindo capas de plástico, seguida por um homem mais jovem, seu assistente. Bobby reconheceu a mulher imediatamente. Era Christie Callahan, do escritório do Instituto Médico-Legal. Callahan era a antropóloga forense encarregada do caso.

— Ah, merda.

Mais movimentação. D.D. apareceu magicamente de debaixo do toldo azul. O olhar de Bobby passou de seus traços pálidos e cuidadosamente contidos às roupas cobertas por capas plásticas e à escuridão absoluta atrás dela.

— Ah, merda — ele resmungou de novo, mas era tarde demais.

D.D. vinha diretamente a ele.

— Obrigada por ter vindo — ela disse. Tiveram um momento de constrangimento, ambos tentando decidir se deviam apertar as mãos, se beijar no rosto, alguma coisa. D.D. finalmente pôs as mãos para trás e isso resolveu a questão. Os dois agiriam como profissionais conhecidos.

— Não gostaria de decepcionar uma sargento — Bobby disse.

D.D. deu um pequeno sorriso diante do reconhecimento do novo posto, mas não fez nenhum comentário. Não era a hora ou o lugar para isso.

— O fotógrafo já fez a primeira rodada de imagens — ela disse rapidamente. — Estamos esperando que o cinegrafista termine o trabalho dele, e, então, você poderá descer.

— Descer?

— A cena do crime é subterrânea. A entrada é abaixo do toldo. Não se preocupe, temos uma escada, então não é difícil de acessar.

Bobby deu um tempo para processar a informação.

— Qual é o tamanho?

— A câmara tem aproximadamente um metro e oitenta por três. Determinamos um máximo de três pessoas por vez, se não, não dá para se mexer.

— Quem encontrou?

— Uns meninos. Descobriram ontem à noite, acho, enquanto bebiam e/ou faziam outras coisas para se divertir. Acharam que era bacana

o bastante para voltarem esta noite com uma lanterna. Não vão fazer isso de novo.

— Ainda estão por aqui?

— Não. Os paramédicos deram sedativos a eles e os levaram embora. É melhor assim. Eram inúteis para nós.

— Monte de gente de terno — Bobby comentou, olhando a área ao redor deles.

— É.

— Detetive chefe?

Ela levantou o rosto:

— Sou a sorteada.

— Sinto muito, D.D.

Ela fez uma careta, com a expressão mais triste, agora que estavam só os dois.

— É, nem brinque.

Ouviram o som de alguém limpando a garganta atrás deles.

— Sargento?

O cinegrafista havia saído de debaixo da lona e estava esperando pelo reconhecimento de D.D.

— Voltaremos a gravar em intervalos — D.D. disse ao cinegrafista, se virando novamente na direção das pessoas reunidas. — Cerca de uma vez por hora para manter as coisas atualizadas. Pode pegar um café, se quiser. Tem uma térmica na van. Mas fique por perto, Gino. Só por garantia.

O policial assentiu com a cabeça e seguiu para a van, onde o gerador rugia.

— Muito bem, Bobby. É a nossa vez.

Ela começou a caminhar sem esperar para ver se ele a seguiria.

Embaixo do toldo azul, Bobby encontrou uma pilha de capas de plástico para as roupas e os sapatos, e toucas de cabelo. Vestiu o material de papel por cima das roupas, enquanto D.D. trocava as capas dos sapatos sujas por um novo par. Havia duas máscaras ao lado das capas. Como D.D. não apanhou uma delas, ele também não pegou.

— Eu vou na frente — D.D. disse. — Vou gritar “Pronto” quando chegar ao fundo, daí é a sua vez.

Lisa

*** Gardner

Ela fez um gesto para trás, e Bobby viu uma fraca luminosidade saindo de uma abertura de mais ou menos sessenta centímetros por sessenta no chão. A parte superior de uma escada de metal se projetava acima da abertura na terra. Ele teve uma estranha sensação de *dèjà vu*, como se devesse saber exatamente o que estava vendo.

E então, no instante seguinte, ele entendeu. Bobby soube por que D.D. o havia chamado. E soube o que veria quando descesse no poço.

D.D. passou os dedos no ombro dele. O toque o chocou. Ele se encolheu, e ela recuou imediatamente. Os olhos azuis dela estavam sombrios, grandes demais em seu rosto pálido.

— Te vejo em seguida, Bobby — ela disse em um tom de voz baixo.

D.D. desapareceu pela escada.

Dois segundos depois, ele ouviu sua voz novamente:

— Tudo pronto.

Bobby desceu para o abismo.

*** capítulo 3

Não estava escuro. Holofotes haviam sido instalados no canto e fios de luminárias móveis estavam pendurados no teto. Os técnicos de cenas de crime precisavam de luz forte para realizar seu trabalho.

Bobby manteve o olhar focado à frente, respirando superficialmente pela boca e processando a cena em pequenos flashes.

A câmara era profunda, com pelo menos um metro e oitenta de altura. A cabeça dele não chegava a tocar no teto. Larga o bastante para três pessoas ficarem paradas lado a lado, a câmara seguia à frente pelo comprimento de quase dois corpos. Não era um sumidouro aleatório, ele pensou imediatamente, mas algo construído de propósito e meticulosamente.

A temperatura mantinha-se baixa, mas não estava frio. Isso o lembrou das cavernas que visitara uma vez na Virgínia, com o ar constantemente a 13 graus centígrados, como um grande refrigerador.

O cheiro não era tão ruim quanto temia. Era terroso, permeado por um fraco odor de decomposição. O que quer que houvesse acontecido ali, já estava quase acabado, o que explicava a presença da antropóloga forense.

Ele tocou em uma parede de terra com a mão enluvada. A sensação era de algo compacto, ligeiramente rígido. Não era irregular, como seria se

Lisa

*** Gardner

tivesse sido escavado com uma pá. O espaço era, provavelmente, grande demais para esse tipo de trabalho, de qualquer maneira. Ele seria capaz de apostar que a caverna havia sido cavada originalmente com uma retroescavadeira. Talvez uma galeria de escoamento que tivesse sido engenhosamente reformulada com outro propósito.

Avançou pouco mais de meio metro e chegou à primeira viga de apoio, um velho pedaço de madeira gasto, de sessenta centímetros por um metro e vinte. Ela integrava uma estrutura de sustentação rudimentar, que formava um arco por cima do ambiente. Havia um segundo arco um metro depois do primeiro.

Ele explorou o teto, tateando-o. Não era de terra, mas de compensado.

D.D. viu o gesto dele.

— Todo o teto é de madeira — ela disse. — Todo coberto de madeira e entulho, com exceção da abertura, onde ele deixou um painel de madeira exposto pelo qual podia entrar e sair. Quando chegamos aqui, parecia entulho de construção largado aleatoriamente no meio do mato. Ninguém poderia imaginar... Ninguém poderia saber... — Ela suspirou, olhou para baixo e, então, pareceu tentar afastar tudo com um chacoalhão no corpo.

Bobby acenou rapidamente com a cabeça. O espaço era relativamente limpo e espartanamente mobiliado: um velho balde de dezoito litros ao lado da escada, letras desbotadas pelo tempo, apenas com sombras muito claras. Uma cadeira dobrável de metal com os cantos enferrujados encostada na parede da esquerda. Uma estante de metal, atravessando o comprimento da parede oposta coberta com persianas de bambu prestes a se desintegrar.

— A escada original? — ele perguntou.

— De corrente de metal — D.D. respondeu. — Já a pegamos como prova.

— Você falou em cobertura de compensado escondendo a abertura? Encontraram algum bom pedaço de madeira por perto?

— Um de aproximadamente um metro de comprimento e cinco centímetros de espessura. Casca de árvore gasta. Apoiado na cobertura de compensado, como seria de se esperar.

— E a estante? — Ele deu um passo na direção dela.

— Ainda não — D.D. falou com firmeza.

Ele disfarçou a surpresa, encolhendo os ombros e, então, se virou para ela. A cena era dela, afinal.

— Não estou vendo muitas indicações de provas — ele disse, afinal.

— É que está limpo. É como se o sujeito o tivesse fechado. Ele o usou. Por um tempo, posso apostar, e então um dia simplesmente partiu para outra.

Bobby ficou olhando para ela atentamente, porém D.D. não prosseguiu.

— Parece velho — ele comentou.

— Está abandonado — D.D. especificou.

— Tem alguma data?

— Nada científico. Teremos de esperar pelo relatório da Christie.

Ele ficou aguardando novamente, porém mais uma vez ela se recusou a dar informações adicionais.

— É, está bem — ele disse depois de um instante. — Parece trabalho dele. Mas nós dois só temos detalhes de segunda mão. Você entrou em contato com os detetives que trabalharam na cena original?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu estou aqui desde a meia-noite. Ainda não tive chance de olhar os arquivos antigos. Mas faz muitos anos. Quaisquer que tenham sido os policiais que cuidaram do caso, já devem estar aposentados.

— Dezoito de novembro de 1980 — Bobby disse em voz baixa.

D.D. apertou os lábios.

— Eu sabia que você iria se lembrar — ela murmurou com ar mal-humorado. Endireitou os ombros. — O que mais?

— Aquele poço era menor, tinha um metro e vinte por um e oitenta. Não lembro de qualquer menção a vigas de apoio no relatório policial. Acho que dá para dizer que era menos sofisticado do que este. Meu Deus. Ler a respeito ainda não é o mesmo que ver a coisa de verdade. Meu Deus.

Ele tocou na parede de novo, sentindo a terra compacta. A menina de doze anos, Catherine Gagnon, havia passado quase um mês naquela

Lisa

*** Gardner

primeira prisão subterrânea, vivendo em um vácuo escuro sem tempo, interrompida apenas por visitas de seu sequestrador, Richard Umbrio, que a mantivera como escrava sexual. Caçadores a encontraram acidentalmente pouco antes do Dia de Ação de Graças, quando bateram sobre a cobertura de compensado e se surpreenderam ao ouvir gritos abafados abaixo dos pés. Catherine foi salva. Umbrio, mandado para a prisão.

A história deveria ter terminado aí. Mas não terminou.

— Eu não me lembro de qualquer menção a outras vítimas no julgamento de Umbrio — D.D. disse.

— Não.

— Mas não quer dizer que ele não tenha feito antes.

— Não.

— Ela poderia ter sido sua sétima vítima, oitava, nona, décima. Ele não era do tipo que falava, então, qualquer coisa é possível.

— Claro, qualquer coisa é possível. — Ele compreendeu o que D.D. deixou por dizer. *E eles não poderiam perguntar.* Umbrio havia morrido dois anos antes, atingido por um tiro disparado por Catherine Gagnon, em circunstâncias que havia sido a verdadeira pá de cal na carreira de Bobby nas Forças Especiais. Era curioso como alguns crimes simplesmente continuavam e continuavam, mesmo décadas depois.

Bobby voltou o olhar para as prateleiras cobertas da estante, que percebeu que D.D. ainda estava evitando. D.D. não o havia chamado às duas da manhã para olhar para uma câmara subterrânea. O Departamento de Polícia de Boston não havia solicitado uma mobilização urgente por um poço quase vazio.

— D.D.? — ele perguntou em voz baixa.

Ela, finalmente, assentiu.

— É melhor ver por si mesmo. Essas são as que não foram salvas, Bobby. São as que permaneceram no escuro.

Bobby manuseou as persianas com cuidado. As cordas pareciam velhas, apodrecidas em suas mãos. Algumas das minúsculas peças entrelaçadas de

bambu estavam rachadas e se prendiam nas cordas, o que dificultava a tarefa de enrolá-la. Ali, ele sentiu o cheiro mais forte. Doce, quase avinagrado. Sentiu as mãos tremerem, e precisou se esforçar para manter o ritmo cardíaco.

Esteja no momento, mas fora do momento. Alheio. Composto. Focado. A primeira persiana se abriu. E a segunda.

O que mais o ajudou, no fim, foi a absoluta incompreensão.

Sacos. Sacos de lixo de plástico claro. Seis deles. Três na prateleira de cima, três na de baixo, posicionados lado a lado, cuidadosamente amarrados em cima.

Sacos. Seis sacos. Plástico claro.

Ele recuou.

Nada foi dito. Sentiu a boca se abrindo, mas nada estava acontecendo, não saiu nada. Ele apenas ficou olhando. E olhando e olhando, porque uma coisa daquelas não podia existir, uma coisa daquelas não podia ser. Sua mente viu aquilo, rejeitou e então viu a imagem e lutou contra ela mais uma vez. Ele não podia... isso não podia...

Bateu com as costas na escada. Estendeu um braço para trás, agarrando os degraus de metal frio com tanta força que sentiu as bordas ferindo a pele das mãos. Concentrou-se naquela sensação, na dor pungente. Isso o deixou com os pés no chão. Evitou que tivesse de gritar.

D.D. apontou para o teto, onde uma das luminárias havia sido pendurada.

— Nós não pusemos aqueles dois ganchos — D.D. disse em voz baixa. — Eles já estavam ali. Não encontramos nenhuma lanterna, mas eu deduziria...

— É — Bobby disse apenas, ainda respirando pela boca. — É.

— E a cadeira, é claro.

— É, é. E a porra da cadeira.

— É, ahn, é mumificação molhada — D.D. disse, com a voz saindo trêmula, esforçadamente controlada. — Foi como a Christie chamou. Ele amarrou os corpos, colocou cada um em um saco de lixo e então amarrou em cima. Quando a decomposição começava... bem, não havia para onde os fluidos irem. Basicamente, os corpos se conservaram nos próprios fluidos.

Lisa

*** Gardner

— Filho da puta.

— Eu odeio meu trabalho, Bobby — D.D. sussurrou de repente, de maneira incisiva. — Ah, Deus, eu nunca queria ter que ver nada desse tipo. — Ela cobriu a boca com a mão. Por um instante, ele pensou que ela poderia desmoronar, mas ela se controlou e seguiu em frente. Mas se virou de costas para as prateleiras de metal. Até para um policial veterano, algumas coisas eram fortes demais.

Bobby teve de fazer um esforço para soltar os degraus da escada de metal.

— É melhor subirmos — D.D. disse de repente. — A Christie provavelmente está esperando. Ela só precisava pegar os sacos de lona.

— Está bem. — Mas ele não se virou para a escada. Em vez disso, voltou até as prateleiras de metal expostas para uma visão que sua mente não conseguia aceitar, mas que já seria incapaz de esquecer algum dia.

Os corpos haviam ficado cor de mogno com o tempo. Não eram os cascos secos e vazios que ele vira em mostras de múmias egípcias. Eram robustos, com aparência quase de couro, com as feições ainda definidas. Ele conseguia seguir as linhas de braços incrivelmente magros enroscados em pernas levemente arredondadas, dobradas nos joelhos. Conseguia contar dez dedos agarrados aos tornozelos. Podia distinguir cada um dos rostos, com as partes côncavas das bochechas e as pontas dos queixos repousando sobre os joelhos. Estavam com os olhos fechados. As bocas com os lábios apertados. Os cabelos colados no crânio, longas mechas lisas cobrindo os ombros.

Os corpos eram pequenos. Estavam nus. Eram femininos. Crianças, simples crianças, encolhidas dentro de sacos de lixo claros dos quais jamais escapariam.

Compreendia agora por que os detetives lá em cima não estavam dizendo nada.

Estendeu a mão enluvada e tocou levemente no primeiro saco. Não sabia por quê. Não havia o que pudesse dizer, o que pudesse fazer.

Os dedos tocaram uma corrente fina de metal. Ele a puxou das pregas na parte de cima do saco e descobriu um pequeno medalhão prateado. Continha apenas um nome: *Annabelle M. Granger*.

— Ele as etiquetava? — Bobby xingou com fúria.

— São como troféus. — D.D. estava parada atrás dele. De trás de um segundo saco, puxou cuidadosamente com as mãos enluvadas um ursinho surrado pendurado em uma corda. — Eu acho... Inferno, eu não sei, mas cada saco tem um objeto. Alguma coisa que tinha algum significado para ele. Ou alguma coisa que tinha algum significado para ela.

— Meu Deus.

D.D. tocava o ombro dele agora. Bobby não havia se dado conta do quanto estava com o maxilar travado até que ela o tocou.

— Precisamos subir, Bobby.

— É.

— A Christie precisa trabalhar.

— É.

— Bobby...

Ele afastou a mão. Olhou para elas uma última vez, sentindo a pressão, a necessidade de gravar cada imagem na mente. Como se fosse confortá-lo saber que não seriam esquecidas. Como se importasse a elas saber que não estavam mais sozinhas no escuro.

Ele voltou até a escada. Sentia a garganta queimando. Não conseguia falar.

Inspirou profundamente por três vezes, saiu pela abertura, sob a lona azul-clara.

De volta à noite fria e enevoadada. De volta à luz dos holofotes. De volta ao barulho dos helicópteros da imprensa que, finalmente, havia farejado a história e agora estavam dando voltas acima do local.

Bobby não foi para casa. Poderia ter ido. Havia ido fazer um favor a D.D. Havia confirmado a suspeita dela. Ninguém teria questionado sua partida.

Pegou um café na van da cena do crime. Ficou encostado na lateral do veículo por um instante, protegido pelo rugido do gerador. Não chegou a tomar o café. Apenas ficou girando o copo sem parar com os dedos trêmulos.

Às 6 horas da manhã, o sol começou a aparecer no horizonte. Christie e seu assistente trouxeram os corpos para cima, agora dentro de sacos

Lisa

*** Gardner

pretos. O material podia ser transportado de três em três na maca, totalizando duas viagens até a van do IML. A primeira parada seria no laboratório do Departamento de Polícia de Boston para que os sacos plásticos de lixo que continham os corpos fossem fumigados em busca de impressões digitais. Depois, os restos iriam até o laboratório do IML, onde as autópsias finalmente começariam a ser feitas.

Depois que Christie foi embora, também a maioria dos detetives se retirou. Esse tipo de cena era comandado pela antropóloga forense. Assim, depois de Callahan sair, não havia muito que fazer.

Bobby virou o café frio e jogou o copo no lixo.

Estava esperando no assento do carona do carro de D.D. quando ela, finalmente, saiu do meio das árvores. E então, como os dois haviam se amado uma vez e até mesmo continuado amigos depois disso, ele aninhou a cabeça dela no ombro e a abraçou enquanto ela chorava.

*** capítulo 4

Meu pai adorava velhos ditados. Entre seus preferidos estava “o acaso favorece a mente preparada”. A preparação, aos olhos do meu pai, era tudo. E ele começou a me preparar no instante em que deixamos Massachusetts.

Começamos com Segurança Básica para uma criança de sete anos. Nunca aceitar doces de estranhos. Nunca sair da escola com ninguém, nem mesmo alguém que eu conhecesse, a menos que a pessoa dissesse a senha correta. Nunca me aproximar de um carro que me abordasse. Se o motorista pedisse informações, mandá-lo procurar um adulto. Está procurando por um bichinho perdido? Mandá-lo procurar a polícia.

Se um estranho aparecesse no meu quarto no meio da noite? Eu devia gritar, berrar, bater nas paredes. Às vezes, meu pai explicou, quando uma criança fica muito apavorada, é impossível fazer as cordas vocais funcionarem. Assim, era preciso chutar os móveis, quebrar um abajur e pequenos objetos, soprar o apito vermelho de emergência, fazer qualquer coisa para produzir barulho. Meu pai dizia que eu poderia destruir a casa toda e, nesse caso, ele e a minha mãe não ficariam bravos.

Lute, meu pai dizia. Chute os joelhos, ataque os olhos, morda a garganta. Lute, lute, lute.

Lisa

*** Gardner

Conforme eu crescia, minhas aulas foram evoluindo. Caratê para adquirir habilidade. Equipe de corrida para ganhar velocidade. Dicas avançadas de segurança. Aprendi a sempre trancar a porta da frente, mesmo quando estava em casa em plena luz do dia. Aprendi a nunca atender a porta sem antes espiar pelo olho mágico e nunca receber alguém que não conhecesse.

Caminhe com a cabeça para cima, dando passos rápidos. Faça contato com os olhos, mas não o mantenha. O suficiente para o outro saber que você está atenta ao que a cerca, mas sem chamar a atenção indevida para si. Se algum dia me sentisse desconfortável, eu deveria me aproximar do grupo mais próximo de pessoas à minha frente e seguir com ele.

Se algum dia eu fosse ameaçada em um banheiro público, devia gritar “Fogo”. As pessoas reagem a uma ameaça de incêndio antes de reagirem a gritos de estupro. Se eu algum dia me sentisse desconfortável em um shopping center, devia correr até a mulher mais próxima. Mulheres têm mais chance de agirem do que homens, que, normalmente, não gostam de se envolver. Se eu algum dia fosse confrontada por alguém armado, devia sair correndo. Mesmo o atirador mais habilidoso tem dificuldade de acertar um alvo em movimento.

Nunca saia da área de segurança da casa ou do trabalho sem estar com a chave do carro nas mãos. Caminhe até o veículo com a chave entre os dedos. Não destrave a porta se houver algum estranho atrás de você. Não entre no carro sem antes checar o banco traseiro. No carro, mantenha as portas trancadas o tempo todo. Se precisar de ar, abra dois centímetros do vidro.

Meu pai não acreditava em armas. Ele havia lido que as mulheres tinham mais probabilidade de perderem a posse de suas armas de fogo, que acabariam sendo usadas contra elas. Foi por isso que até os 14 anos eu carregava um apito pendurado no pescoço para usar em caso de emergência e sempre tinha um spray de pimenta comigo.

Naquele ano, no entanto, eu derrubei meu primeiro oponente em um concurso júnior de luta no ginásio local. Eu havia desistido do caratê em favor do *kickbox*, e acabei me mostrando muito boa nisso. A plateia ficou horrorizada. A mãe do menino que eu derrubei me chamou de monstro.

Meu pai me levou para tomar sorvete e me disse que eu tinha me saído bem.

— Não que eu apoie a violência, veja bem. Mas se algum dia você for ameaçada, Cindy, não se contenha. Você é forte, é rápida e tem instinto de lutadora. Bata primeiro, pergunte depois. Você nunca estará preparada demais.

Meu pai me inscreveu em mais torneios, nos quais eu aperfeiçoei a técnica e aprendi a focar a raiva. Eu sou rápida. Sou forte. Tenho instinto de lutadora. Tudo ia bem, até que comecei a vencer demais, o que, evidentemente, atraiu uma atenção indesejada.

Nada mais de torneios. Nada mais de vida.

No fim, eu acabava devolvendo as palavras para meu pai:

— Preparada? Qual é a utilidade de estar tão preparada se tudo o que fazemos é fugir?

— Sim, querida — meu pai explicava incansavelmente. — Mas nós podemos fugir justamente porque somos tão preparados.



Segui para o Departamento de Polícia de Boston direto do turno da manhã no Starbucks. Saindo de Faneuil Hall, caminhava apenas uma quadra até o T, onde podia pegar a linha Laranja até a Ruggles Street. Eu havia feito o dever de casa na noite anterior e estava vestida de acordo: jeans de cintura baixa e desbotado, com as barras desfiadas arrastando no chão. Uma regata fina cor de chocolate em cima de uma preta e uma blusa de algodão justa de manga comprida. Lenço multicolorido com tons de chocolate, preto, branco, cor-de-rosa e azul amarrado na cintura. Uma bolsa azul April Cornell floreada e imensa, atirada no ombro.

Deixei os cabelos soltos, com mechas escuras caindo até quase a cintura, com enormes argolas prateadas penduradas nas orelhas. Eu poderia ser tomada, e às vezes era, por hispânica. Achei que esse visual poderia ser mais seguro para onde eu iria passar a tarde.

A State Street estava lotada como sempre. Enfie a ficha na fenda e desci a escada até o maravilhoso e profundo cheiro de urina que acompanhava

Lisa

*** Gardner

qualquer estação de metrô. A multidão era típica de Boston — negros, asiáticos, hispânicos, brancos, ricos, velhos, pobres, profissionais, operários, membros de gangues, todos formando um colorido painel urbano. Os liberais adoravam aquela porcaria. A maioria de nós simplesmente desejava ganhar na loteria e comprar um carro.

Identifiquei uma senhora mais velha movimentando-se lentamente com uma neta adolescente a tiracolo. Fiquei parada ao lado delas, distante o suficiente para não atrapalhar, mas perto o bastante para parecer parte do grupo. Todos olhávamos atentamente para a parede do outro lado, tomando cuidado para evitar os olhares uns dos outros.

Quando o trem do metrô finalmente chegou, seguimos em frente como uma massa coesa, nos espremendo para dentro do tubo de metal. Então as portas se fecharam com um assobio, e o vagão entrou no túnel.

Nessa parte do trajeto, não havia assentos disponíveis. Fiquei de pé, me segurando em uma barra. Um garoto negro usando uma tiara vermelha, moletom largo e jeans *baggy* cedeu o lugar à senhora mais velha. Ela agradeceu. Ele não disse nada.

Eu trocava de lado, de olho no mapa de trânsito colorido acima da porta, enquanto fazia o melhor para avaliar sutilmente o entorno.

Homem asiático mais velho, operário, à direita. Sentado, cabeça baixa, ombros caídos. Alguém simplesmente tentando chegar ao fim do dia. A mulher mais velha havia se sentado ao lado dele, com a neta lhe dando proteção. Então vinham quatro adolescentes negros usando o uniforme oficial dos membros de gangue. Agitavam os ombros no ritmo do vagão, enquanto se sentavam, olhando para o chão e sem dizer coisa alguma.

Atrás de mim, uma mulher com duas crianças pequenas. A mulher parecia ser hispânica, e as crianças de seis e oito anos, brancas. Era, provavelmente, uma babá levando seus jovens fardos ao parque.

Duas meninas adolescentes ao lado dela, ambas montadas em estilo urbano chique, com tranças nos cabelos e brincos de diamantes enormes reluzindo nas orelhas. Não me virei, mas as identifiquei como valendo a pena de manter no radar. Meninas são mais imprevisíveis do que meninos,

logo, mais perigosas. Homens fazem pose. Mulheres têm a tendência de partir para cima e, quando não recuamos, começam a dar golpes e usam facas escondidas.

Mas eu não me preocupei muito com as meninas. Elas eram as desconhecidas conhecidas. São os desconhecidos que podem acabar conosco.

Chegamos à estação da Ruggles Street sem incidentes. As portas se abriram, e eu saí. Ninguém prestou atenção em mim.

Arrumei a bolsa no ombro e segui na direção da escada.

Eu nunca havia estado na nova central de polícia de Roxbury. Apenas havia ouvido falar dos tiroteios à meia-noite no estacionamento, de pessoas sendo roubadas na frente da porta da entrada. Aparentemente, a nova localização havia sido algum lance político para revitalizar Roxbury, ou para pelo menos tornar a região mais segura à noite. Pelo que eu tinha lido na internet, não parecia estar funcionando.

Mantive a bolsa presa ao corpo e caminhei nas pontas dos pés, preparada para qualquer movimento brusco. A estação da Ruggles Street era grande, lotada e úmida. Atravessei com agilidade a massa humana. Aparentar ter um objetivo e estar concentrada. Não é porque está perdida que precisa parecer perdida.

Do lado de fora da estação, descendo um lance íngreme de escada, vi as altas antenas de rádio à direita e as segui. Enquanto ia para a calçada, no entanto, uma voz irônica gritou atrás de mim.

— Que beleza de Taco! Que tal um burrito com carne de verdade?

Me virei e vi um trio de meninos afro-americanos e mostrei o dedo para eles. Os três só deram risada. O líder, que parecia ter 13 anos de idade, agarrou a púbis. Foi a minha vez de dar risada.

Isso aliviou um pouco o clima pesado. Me virei e continuei e segui pela rua, caminhando calmamente. Cerrei os punhos para que minhas mãos não tremessem.

Era difícil não encontrar a central do Departamento de Polícia de Boston. Primeiro porque era um edifício enorme de vidro e metal em meio a conjuntos habitacionais populares de tijolos marrons caindo aos pedaços.

Lisa

*** Gardner

Segundo porque havia barricadas de concreto posicionadas ao redor de toda a entrada da frente, como se o edifício estivesse, na realidade, localizado no centro de Bagdá. A Segurança Nacional em cada edifício do governo perto de você.

Vacilei em meus passos pela primeira vez. Desde que eu tinha decidido o que ia fazer na noite anterior, não havia me permitido pensar a respeito. Eu havia planejado. Eu tinha agido. Agora estava ali.

Larguei a bolsa. Tirei um blazer de veludo cor de chocolate e o vesti. Foi o melhor que pude fazer para ficar arrumada. Não que tivesse importância. Eu não tinha provas. Os detetives iriam simplesmente acreditar em mim ou não.

No lado de dentro, havia uma fila em frente ao detector de metais. O policial encarregado pediu para ver minha carteira de motorista. Ele examinou minha bolsa enorme. Então me olhou de cima a baixo de uma maneira que deveria me inspirar a dizer sim, eu estou contrabandeando armas/bombas/drogas para a central de polícia. Como eu não tinha nada a dizer, ele me deixou passar.

Na recepção, peguei a matéria de jornal, conferindo mais uma vez o nome da detetive, embora, honestamente, eu soubesse de cor.

— Ela está esperando por você? — o policial uniformizado me perguntou franzindo o cenho. Era um sujeito grandalhão com um bigode grosso. Imediatamente, pensei em Dennis Franz.

— Não.

Mais um olhar de cima a baixo.

— Sabe, ela anda ocupada por esses dias.

— Apenas diga que Annabelle Granger está aqui. Ela vai querer saber disso.

O policial não devia acompanhar muito o noticiário. Ele deu de ombros, pegou o telefone e deu meu recado a alguém. Alguns segundos se passaram. A expressão do policial não mudou por um instante. Ele apenas deu de ombros novamente, desligou o telefone e me disse para esperar.

Como havia outras pessoas na fila, peguei a bolsa e fui para o meio do saguão longo e abobadado. Havia montado ali uma exposição especial

documentando a história do Departamento de Polícia. Examinei todas as fotos, li as legendas e fui de um lado a outro da mostra.

Um minuto virou vários minutos. Minhas mãos ficaram mais trêmulas. Pensei que devia fugir enquanto ainda tinha chance. Então pensei que talvez fosse me sentir melhor se pudesse pelo menos vomitar.

Finalmente comecei a ouvir passos.

Apareceu uma mulher. Ela vinha diretamente na minha direção. Vestia jeans justos, botas de cano alto com salto agulha, camisa branca ajustada e uma arma presa à cintura. Tinha o rosto emoldurado por selvagens cachos loiros. Ela parecia de capa de revista. Até vermos seus olhos. Frios, diretos, sérios.

Aquele olhar azul mirou-me e, por um instante, algo transformou-se em sua expressão. Ela parecia ter visto um fantasma. Então, se aproximou.

Respirei fundo.

Meu pai estava errado. Há algumas coisas na vida para as quais não conseguimos nos preparar. Como a perda da mãe quando ainda somos crianças. Ou a morte do pai antes de se ter a chance de parar de odiá-lo.

— Que diabos? — a sargento detetive D.D. Warren quis saber.

— Meu nome é Annabelle Mary Granger — eu disse. — Acho que você está procurando por mim.